

A GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA NO BRASIL

Joseph Ildefonso de Araujo (UFV)

Não há um órgão de atuação nacional que cuide do mapeamento lingüístico do Brasil, delineando diretrizes para um trabalho sistemático através de um planejamento global para que possamos ter, de todo o imenso território brasileiro, o seu mapeamento lingüístico. Mapeamento que vise a elaboração das Cartas Lingüísticas cobrindo todo o território nacional juntamente com os respectivos Atlas Lingüísticos e Glossários Regionais. É um trabalho que exige constância e paciência para levar ao amplo conhecimento do que se fala e de como se fala no país, levando a conhecer a riqueza e amplitude de seu léxico popular com centenas e centenas de palavras desconhecidas “dos sincambros” de outras plagas desse vasto território, para conhecer o seu modo de expressar, os meandros das estruturas frasais, suportes do pensamento e depositárias da cultura do povo e de seu modo de sentir a vida. Esse trabalho é a busca do conhecimento da língua nos seus matizes regionais que cobrem de ornamento a língua central, a língua oficial, a língua geral comum a todos.

Conhecer como um povo se manifesta através da linguagem, conhecer a sua língua e como ela se estrutura e se organiza, como ela reflete as suas tendências culturais, é conhecer o povo, sua índole criativa, seu poder de dinamização, seu progresso... Isso é possível porque a língua é □□□□□□□□ que reflete a capacidade contínua da força criadora que se realiza e se manifesta no □□□□□□, fruto do que se faz, do que a mente cria.

“*As línguas mudam sem cessar e só mudando são capazes de sobreviver*”, dizia Charles Bally, porque o ser humano, pela capacidade inata de pensar e de criar, vive um dinamismo contínuo, revelado na criação constante, na necessidade, também inata, de descobrir, a cada momento, um pouco do imenso universo que o envolve. É o “*invenire*” cotidiano do homem. É o tentar encontrar a cada dia o que a cada momento o atormenta: “*a explicação de si mesmo*”, a resposta para suas dúvidas e incertezas, suas justificativas e incompreensões, diante do universo, diante da vida e do seu fim último. Foi isso que tanto assolou a arrasou a juventude romântica e hoje aliena a juventude do roque e quejandos, a juventude da fuga de si mesmo através das drogas, do sexo, do som “arretado” que os “chous” de tinir de latas, de malhação de cordas infestam o ouvido e a mente de um juventude sem rumo que, diria, quase incapaz de parar para recolher-se para dentro de si mesma, na procura do □□□□□□□□□□□□□□□□ dos gregos e *nosce te ipsum* dos latinos.

É a língua, na sua dinâmica, que reflete o homem em todo o seu potencial criador. Por isso, conhecer o que o povo fala, como fala, para que fala é conhecer sua alma, sua índole, suas ânsias, seus desejos... Tudo isso é refletido na língua falada e perpetuada na língua escrita, porque *scripta manent...*

A força da língua é tão forte que levou Lobato a dizer “*A Pátria é a língua, nada mais*” e Fernando Pessoa a identificar a sua pátria com a sua língua: “*Minha Pátria é a língua portuguesa*”.

Após essas considerações pode-se dimensionar o quanto é importante conhecer a fala, a linguagem, a língua de um povo. Gagné, lingüista francês, compreendeu o valor da língua ao dizer: “*A língua constitui um dos fatores chaves da existência e da definição das comunidades, um elemento essencial de identificação nacional*”. E Humboldt afirmava “*A língua não é um simples meio de comunicação, mas a expressão do espírito e da concepção do mundo dos sujeitos falantes...*” Portanto, a língua define uma comunidade, identifica um povo, marca como estigma uma nação. Desprezar a própria língua é desprezar-se a si mesmo, é desprezar a sua própria existência... O conhecimento e identificação de um povo estão ligados à identificação e conhecimento dos matizes da língua deste povo.

É por isso que nesta semana estamos reunidos para estudar, debater e traçar, além de outras, diretrizes e preparar meios que poderão levar o conhecer o nosso povo através da língua que se fala, da língua que reflete seus sentimentos, suas alegrias e tristezas, suas conquistas e derrotas, suas certezas e dúvidas, enfim, sua cultura e os recortes que faz do mundo e da própria vida...

Mas se “as línguas mudam sem cessar e não podem funcionar senão mudando”¹ e se “todo que qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades e cada variedade é resultado das particularidades das experiências históricas e sócio-culturais do grupo que a usa², é necessário que se procure meios adequados para não só constatar, mas também para recolher, documentar e preservar o melhor possível todas as mudanças e variedades heterogêneas que possam ser detectadas numa pesquisa de campo. Para isso é necessário equipamento adequado que a multimídia moderna pode oferecer para documentar aquela língua, aquela linguagem que existem quase que só oralmente. Apenas falada, essa língua raramente é grafada com os ca-

¹ BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. Benar, s/ed., pág. 15.

² FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica*. São Paulo : Ática, 1991, pág. 18.

racteres indelévels da escrita que perpetuam o que o homem vem pensando através dos tempos e que ficou gravado e perpetuado para as posteridades.

Além de equipamentos, é preciso preparar os inquiridores para que se faça um trabalho confiável e de rigor científico, coletando tudo aquilo que for historicamente atinente à vida do homem na sua comunidade, registrando a palavra, a fala que o homem utiliza no seu meio, no seu *habitat*, para que a sua própria história não se perca nas trevas do tempo.

Ao pesquisar as falas das comunidades, observa-se que a fala é um matiz de linguagens eivadas de variantes lingüísticas. A ciência que cuida dessas variantes é a Dialectologia que tem na Geografia Lingüística o seu grande suporte para delimitar e determinar com precisão onde ocorrem essas variações.

A dialectologia busca a investigação científica dos dialetos e, no dizer de Abbad, “*uma dialectologia consciente... deve exercitar-se em trabalhos experimentais...*”³ Os dialetos, *lato et stricto sensu*, são alvo da pesquisa dialectológica que abrange as falas das várias camadas da sociedade tanto rural quanto urbana.

A pesquisa dialectológica procura, por meio do mapeamento cartográfico, mostrar as características peculiares das variedades de fala, fazendo o levantamento do vocabulário usado, das alterações fonéticas e fonológicas, dos aspectos lingüísticos em geral, abrangendo a morfologia, a sintaxe, a semântica, etc. Esses estudos podem ser ampliados com o levantamento do folclore e da etnografia não só para conhecer as características da própria comunidade mas também para comparar com o universo de outras localidades limítrofes ou de outras regiões.

O levantamento cartográfico da fala ressalta os fatos lingüísticos e revela as diferenças existentes nos vários grupos comunitários ou sociais e mostra, ainda, as divergências de fala que podem existir no âmbito restrito de uma família, como demonstrou o Abade Rousselot numa família de uma comunidade da França.

As alterações da fala constituem o objeto dos estudos lingüísticos dialectológicos e compete à dialectologia fazer o levantamento dos diferentes falas regionais procurando analisar suas características e suas tendências e compará-las. Para alcançar esse objetivo, a dialectologia utiliza os levantamentos cartográficos fornecidos pelas Cartas Lingüísticas, marcadoras e delimitadoras das diversidades da fala de cada região e reveladas através dos métodos utilizados pela Geografia Lingüística.

³ ABBAD, Francisco. *Diccionario de lingüística de la escuela española*. Madrid : Gredos, 1986, pág. 98.

A Geografia Lingüística irá apresentar em Atlas Lingüísticos o levantamento e a demarcação cartográficos das características dialetais, apresentados pelos diversos Mapas (ou Cartas) Lingüísticos. Cabe à Dialectologia apresentar, em seus estudos, os Glossários e a análise profunda das variantes lingüísticas da língua. Seu papel é delimitar os dados dos falares regionais, pois, cabe a ela, segundo Navarro, *‘ocupar-se especialmente em descobrir e traçar os limites dos fenômenos dialetais...’* Carreter define Geografia Lingüística como

*o método de investigação lingüística que consiste em situar, sobre o mapa da região estudada, cada uma das formas com que se expressa um conceito ou uma expressão especial. Para cada noção ou expressão emprega-se um mapa distinto. O conjunto de mapas constitui um atlas lingüístico*⁴.

A pesquisa dialectológica apresenta três momentos preciosos:

- 1) levantamento cartográfico das variantes de fala fornecido pela Geografia Lingüística;
- 2) elaboração das Cartas Lexicais;
- 3) elaboração final, por meio das Cartas, do Atlas Lingüístico.

Os atlas lingüísticos irão mostrar as localidades onde ocorrem as características das falas regionais. São várias as espécies de Cartas Lingüísticas que receberão denominações diferentes de acordo com o assunto lingüístico pesquisado. O levantamento cartográfico pode proporcionar os seguintes tipos de Cartas Lingüísticas:

a) *Cartas Fonéticas*: representam as diferentes pronúncias de um mesmo fonema na região.

b) *Cartas Fonológicas*: representam as características fonéticas pertinentes que levam à modificação regional do significado.

c) *Cartas Morfológicas*: representam as alterações regionais na estrutura interna da palavra: morfemas, derivações, flexões.

d) *Cartas Lexicais*: representam as diferentes palavras usadas num dado território para expressar um mesmo conceito ou significado⁵.

e) *Cartas Sintáticas*: representam as diferenças na organização das estruturas das sentenças num determinado território.

⁴ CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*. Madrid : Gredos, 1974, pág. 209.

⁵ Esta pesquisa está dando enfoque ao léxico rural de doenças de criações, culturas agrícolas e hortícolas.

f) *Cartas Semânticas*: representam a mudança de significado das palavras dicionarizadas num dado território e o estudo onomasiológico dos diferentes nomes atribuídos a um objeto ou ser. É o registro da teoria *Palavras e Coisas*.

g) *Cartas Neológicas*: representam a criação de novos vocábulos e a significação nova não-dicionarizada, dada a vocábulo dicionarizado.

h) *Cartas Folclóricas*: representam as variantes de uma cultura folclórica, comum a várias regiões.

i) *Cartas Lingüístico-Etnográficas*: representam as indicações lingüísticas e as indicações etnográficas de traços antropológicos, objetos de cultura material, obtidas através de fotografias, desenhos, esboços adicionais, podendo incluir as filmagens em vídeo-cassete para o registro histórico e divulgação da cultura regional.

A dialectologia desperta, pois, vários interesses, revelando de modo especial os aspectos culturais para saber como o povo vem usando a sua língua e para conhecer as suas tendências sócio-culturais que se manifestam através das variantes lingüísticas e dos objetos e dados folclóricos da cultura local.

Toda a bagagem de conhecimento que a Dialectologia revela tem sua base na Geografia Lingüística que, ao indicar onde ocorrem os fatos lingüísticos e antropológicos, confere a eles o rigor científico, revelado nas Cartas Lingüísticas e consumados nos Atlas Lingüísticos.

A Geografia Lingüística é, portanto, o ponto de partida para o desenvolvimento dos estudos dialectológicos. E o primeiro trabalho de natureza dialetal sobre o português do Brasil se deve a Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca. O trabalho é um capítulo do livro, já sesquicentenário, “*Introduction à l’Atlas Ethnographique du globe*” do geógrafo italiano Balbi, escrito em 1926. Nesse capítulo, o Visconde fala de a língua “*ter sido enriquecida por palavras e expressões novas, tomadas de empréstimos às línguas indígenas e inexistentes no português continental*”.

A partir daí, os estudos dialetais no Brasil apresentam três fases.

A primeira fase vai de 1826 até 1920 quando é publicado *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Nesta fase os trabalhos estão voltados quase que só para o estudo do léxico e de suas características específicas no português do Brasil. FERREIRA & CARDOSO apresentam 14 obras desta fase que resultaram em numerosos dicionários e léxicos regionais⁶.

⁶ Ver op. cit., p. 38.

A segunda fase é marcada pelo *O dialeto caipira* de 1920 e vai até 1952 em que predominam os estudos gramaticais, além de inúmeros outros de natureza lexicográfica. Nesta fase, o conhecimento da realidade lingüística brasileira ainda é empírico, marcado pela ausência de trabalho sistemático de campo como na fase anterior. No entanto, já começa a vislumbrar uma observação direta da área a ser descrita e uma metodologia que procura uma abordagem da realidade nos seus diferentes aspectos⁷. É desta fase a obra de Amaral e *O linguajar carioca* do grande mestre Antenor Nascentes, que veio a lume em 1992. A essas duas obras, seguem outras dezessete que FERREIRA & CARDOSO selecionam em quatro grupos:

O primeiro grupo com obras voltadas ainda para os léxicos e glossários regionais, como *Vocabulário Gaúcho*, 1926, de Roque Callage; *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul - Linguagem dos praieiros*, 1933, de Dante Laytano; *Vocabulário pernambucano*, 1937, de Pereira da Costa; *Vocabulário amazonense*, 1939, de Alfredo Maia, dentre outros.

O segundo grupo apresenta obras de caráter geral sobre o português do Brasil numa perspectiva mais ampla e globalizante. Entre elas, citamos *O ritmo da língua nacional*, 1926, de Álvaro Maia; *O português do Brasil*, 1937, de Renato Mendonça; *A língua brasileira*, 1940, de Edgar Sanches; *O problema da língua brasileira*, 1940, de Sílvio Elia; *O dialeto brasileiro*, 1942, de Ciro T. de Pádua; *A língua do Brasil*, 1946, de Gladstone Chaves de Melo.

O terceiro grupo abrange obras de caráter regional, voltadas para uma determinada área geográfica, com características específicas de determinada região. Dentre outras, são citadas *A língua dos cantadores*, 1933, de Clóvis do Rego Monteiro; *A língua do Nordeste*, 1934, de Mário Marroquim; *O falar mineiro*, 1938, e *Estudo de dialetologia portuguesa. A linguagem de Goiás*, 1944, de José Aparecido Teixeira; *A linguagem popular da Bahia*, 1951, de Edison Carneiro.

O quarto grupo se dedica a obras que tratam da formação da língua portuguesa no Brasil, enfocando especialmente a contribuição africana. Algumas obras deste grupo se destacaram como: *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, 1933, de Jacques Raimundo; *A influência africana no português do Brasil*, 1933, de Renato Mendonça; *Os africanismos no dialeto gaúcho*, 1936, de Dante de Laytano.

Nesta segunda fase, destaca-se uma das maiores figuras nos estudos dialectológicos do Brasil, Serafim da Silva Neto com uma produção de destaque publicando, em 1946, duas obras fundamentais: *Diferenciação e uni-*

⁷ Ver op. cit., p. 39

ificação do português do Brasil e Capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil, reunidas, mais tarde, em um único livro: *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* e publicada em 1950..

A terceira fase da dialectologia no Brasil tem o seu marco o ano de 1952 com a publicação do Decreto 30.643 em 20 de março, regulamentado pela Portaria 536 em 26 de maio. Nesta Portaria fica estabelecido que a Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa tem como principal finalidade a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil. Esta fase pode estender-se, a nosso ver, até 1996, ano em que se realizou, na Universidade Federal da Bahia, um simpósio para delimitar as regiões brasileiras para um trabalho sistemático, visando a elaboração efetiva do Atlas Lingüístico do Brasil.

Esta fase reflete a culminância do que fora elaborado até o momento, caracterizando-se pela elaboração de trabalhos, baseados em *corpus*, e constituídos de forma sistemática com a preocupação no desenvolvimento e implementação dos estudos de geografia lingüística, concretizados nos decreto e portaria de 1952. Este ano é, pois, o marco da terceira fase da geografia lingüística no Brasil. O seu desenvolvimento se deve ao trabalho relevante e pioneiro dos que com ela se comprometeram, especialmente Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Nelson Rossi, dentre outros.

Antenor Nascentes, de quem tivemos a honra de, por três anos, ser seu aluno nos idos de 50, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, a nossa UDF, hoje UERJ. Em suas aulas de filologia românica ele alertava para a necessidade de se fazer o levantamento da fala popular e mostrava o caminho para se fazer o levantamento do léxico usado pelas diversas profissões prestadoras de serviço como bombeiro, electricista, padeiro, carpinteiro, etc., etc. Quantas vezes nos falava sobre a necessidade da elaboração de um atlas lingüístico brasileiro, cujas diretrizes ele expunha e que foram consolidadas mais tarde no livro *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*, publicado em 1958. Em 1961, mestre Nascentes edita o volume II dessa obra em que estabelece as bases para o atlas lingüístico brasileiro onde mostra as vantagens de um atlas abrangendo todo o território brasileiro, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo a sua impossibilidade devido a vastidão do país e sua precariedade de estradas para percorrê-lo. Nascentes recomendava a elaboração de atlas regionais para depois reuni-los num atlas nacional.

A diretriz que traçava para os atlas regionais implica em ter informações sobre quatro pontos fundamentais: *anotação* dos dados sobre o informante; *notas* sobre a localidade; *questionário* e *escolha das localidades*. Sugeria, ainda, um questionário organizado por área semântica e uma rede de pontos distribuídos por vários estados e territórios, “*sujeita ao parecer*

do técnico encarregado de dirigir os trabalhos em cada região, na qualidade de melhor conhecedor do terreno”.

Já se passaram mais de quatro décadas desde o Decreto 30.643 e o Atlas Lingüístico do Brasil não passou de projeto. Mas nesse espaço de tempo, não houve uma estagnação geral. O conselho de Nascentes para os atlas regionais foi acatado e vários atlas regionais foram surgindo.

Além de Nascentes, outro expoente dos estudos dialectológicos foi Serafim da Silva Neto. Deixou-nos o *Guia para os estudos dialectológicos*, publicado em 1957, portanto um ano antes das *Bases* de Nascentes. Antes de traçar o caminho a seguir, Serafim dá, a nosso ver, a principal diretriz para que qualquer empreendimento de valor tenha êxito: *o preparo da pessoa humana*. Muitos projetos, muitas idéias, muitas leis têm sido maravilhosos, mas se esquece reiteradamente do preparo do elemento humano para executar os projetos e as leis morrendo quase no nascedouro as grandes idéias. A isso se deve acrescentar a falta de recursos e meios para levar avante o planejado, especialmente na área de ciência humanas... Esquecem-se os governantes e legisladores de que sem preparo do homem, o futuro é incerto, o progresso é estagnação que gera regressão. Silva Neto começa, na Introdução do *Guia*, mostrando o que é necessário para nosso País ao dizer: “*No Brasil... é preciso, antes de mais nada, criar mentalidade dialectológica, preparando um ambiente favorável às pesquisas de campo*”. Sem um preparo adequado do elemento humano é impossível desenvolver com eficiência toda e qualquer atividade científica séria. Recurso humano bem preparado e recurso para toda e qualquer pesquisa são, obviamente, os principais ingredientes para que o progresso chegue a nossa Pátria. Silva Neto defendeu, na sua obra, apesar da curta existência, a necessidade e a urgência de se estudar os falares brasileiros. Sugeriu que, todo ano, se realizasse nas então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (hoje Faculdades ou Departamento de Letras) cursos de Dialectologia Brasileira para que os professores pudessem encaminhar seus alunos e criar neles o desejo de pesquisa voltada para a dialectologia. Estabeleceu, ainda, tarefas fundamentais e urgentes para se concretizar no Brasil o espírito de pesquisa dialectológica. Em seu *Guia* apresenta um elenco de tarefas como:

- a) realização de sondagens preliminares;
- b) recolha de vocabulário seguindo as exigências técnicas;
- c) elaboração de monografias etnográfico-lingüísticas sobre determinadas áreas semânticas e sobre determinados falares de região;
- d) elaboração de atlas regionais;
- e) elaboração de atlas nacional.

Silva Neto foi um incentivador da elaboração dos atlas lingüísticos, mas não se esquecendo de enfatizar o importância dos estudos dialectológicos nas suas diversas modalidades, levando-o a dizer que

O entusiasmo com que falamos nos atlas lingüísticos não obceca, porém, a ponto de os julgarmos panacéias que prescindem de tudo o mais. Pelo contrário, elas precisam ser completadas por monografias que ganhem em profundidade o que os atlas têm em extensão.

Esperamos que as orientações e os exemplos, a dedicação e o entusiasmo de Nascentes e Silva Neto despertem nos participantes deste Congresso, especialmente dos jovens, o interesse e o desejo de se aprofundar na pesquisa dialectológica. Os exemplos existem, cabe a nós segui-los.

Outro exemplo de tenacidade, dedicação e compromisso com a Língua Portuguesa foi saudoso mestre, que mesmo com sérios problemas de coluna que o levaram à morte, não o impediam de ministrar suas aulas no curso de doutorado na UFRJ. Creio termos sido da última turma a que Celso Ferreira da Cunha tenha ministrado suas aulas, pois, em dezembro, antes de seu passamento, tivemos nossas aulas em sua casa na Gávea como já vinha ocorrendo há alguns semestres. Sua dedicação às questões voltadas para uma política de conhecimento e ensino da língua portuguesa levou a deixarnos vasta obra, defendendo a necessidade do conhecimento pleno da língua, retratada em *Uma política idioma*, publicada em 1968. Propunha um aprofundamento no conhecimento da língua e reiterava a necessidade de se dedicar na execução do atlas lingüístico do Brasil. Nas suas aulas falava do plano que estava elaborando com outros para planificar e racionalizar a pesquisa dialectológica no Brasil. (Não ficamos sabendo em que estágio ficou seu plano e nem se foi levado adiante). Nem na doença deixava de seguir os passos do desenvolvimento de geografia lingüística, acompanhando de perto, o quanto podia, o *Atlas Prévio do Falares Baianos* e o *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do Projeto de Estudo da Norma Culta Urbana, o Projeto NURC, que começa a produzir os seus frutos. Com a morte de Celso Cunha, a Profa. Dinah Callou assumiu a direção do NURC no Rio de Janeiro, já tendo publicado *A linguagem Falada culta na cidade do Rio de Janeiro. Vol. I - Elocuções formais*. Foi sob a orientação do mestre Celso Cunha que iniciamos a pesquisa dialectológica rural nas sete Microrregiões da Zona da Mata de Minas Gerais. Começamos a pesquisa pela Microrregião de Viçosa de onde tiramos os dados para nossa tese de doutorado. Sua continuidade perdura nas demais microrregiões, com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG. Esta pesquisa foi reformulada e solicitamos um auxílio mais amplo à FAPEMIG para levarmos a cabo a tenta-

tiva de elaboração dos *Atlas Lingüísticos Municipais Rurais* das localidades da Zona da Mata. A pesquisa tem como objetivo principal elaborar um Glossário Popular-Técnico e Técnico-Popular com os nomes das doenças de criações e culturas agrícolas que atingem o meio rural. Tivemos em Celso Cunha um grande incentivador para esta pesquisa. Infelizmente não pôde ver os resultados e nós não pudemos ter sua orientação pós-tese para aperfeiçoar o trabalho até agora feito. Para o momento atual, esperamos contar com o mestre Sílvio Elia, nosso professor no mestrado da PUC e membro da banca examinadora do mestrado e do doutorado na UERJ.

Após falar de Nascentes, Silva Neto e Celso Cunha, seria grande erro omitir o nome de Nelson Rossi que instalou na Universidade Federal da Bahia o seu laboratório de fonética experimental. Mas a dialectologia constituiu um de seus estudos mais relevantes, ao qual se dedicou com afinco e tenacidade. Tinha seu lema de trabalho que deveria ser decorado por todo jovem que se propõe estudar, pesquisar, produzir para que não passe a vida “*velut pecora*”:

É, talvez, mais que tudo, fazer desde já o melhor que pudermos, como senso do realismo sem o qual não há nenhuma esperança para a Dialectologia e conscientes de que esta só se aprende a fazer...fazendo.

E dizia mais ainda: *Fazer cada coisa como se dela dependesse a salvação do mundo*. Como esse modo de pensar a vida, dedicou-se Rossi ao ensino e à pesquisa. Dedicou-se à formação de uma equipe estável, primeiro de estudantes e depois de colegas ex-alunos voltados para a pesquisa dialectológica. Formou seus discípulos.

Em *a dialectologia*, de 1967, externa a sua posição diante de um trabalho de nível científico: “*Toda ciência, todo método científico, aspira à universal, isto é, procura enunciados válidos para qualquer situação, circunstância, momento ou área*” concluindo que a “*A dialectologia não foge a essa ambição*”. Sobre a natureza da dialectologia, diz que ela é “*contextual*”: “*...o fato apurado num **ponto geográfico** ou numa **área geográfica** só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente em outro ponto da área*”.

Rossi aborda ainda o problema na realidade dos atlas nacionais ou regionais. Para ele um não exclui o outro, estabelecendo muito claramente os limites lingüísticos e políticos administrativos, explicando o que são atlas nacionais (de grandes domínios geográficos) e o que são atlas regionais (de pequenos domínios).

Rossi foi o pioneiro na aplicação de geografia lingüística no Brasil, utilizado do rigor científico e da precisão metodológica na implantação dos

estudos dialetais. Após a elaboração do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* deu continuidade a seu trabalho no *Atlas Lingüístico de Sergipe*. É profícua a produção de Rossi no campo de aprofundamento dos estudos dialectológicos.

A Geografia Lingüística no Brasil

Em 1957, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha sentem que é impraticável a realização de um único atlas nacional. Em 1958, Antenor Nascen-tes retoma a questão e é da mesma opinião dizendo: "...os Estados Unidos, país vasto e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país.

Essa posição resultou na publicação de vários atlas regionais como o *Atlas prévio dos Falares Baianos* em 1963 ; o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* em 1977, e recentemente o vol II; o *Atlas Lingüístico da Paraíba* em 1984 ; o *Atlas Lingüístico de Sergipe* em 1987; o *Atlas Lingüístico do Paraná* em 1996; o *Atlas Etno-Lingüístico do Acre* em 1996.

Outro atlas regionais estão em andamento pelo Brasil:

1. Atlas Lingüístico do Ceará, por uma equipe de professor encabeçada por José Rogério Bessa e José Alves Fernandes.

2. Atlas Lingüístico-Etmográfico da Região Sul, coordenado por Walter Koch.

3. Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo, dirigido por Pedro Caruso.

4. Atlas Lingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro, que teve por coordenador inicial Celso e atualmente é Laerte Carpena de Amorim. Várias pesquisas estão sendo feitas e duas foram teses de doutorado:

a) *Os pescadores do município de campo: Unidade e Linguagem*, de Sílvia Figueiredo Brandão. Tese defendida em 1988, na UFRJ.

b) *Os Pescadores da Lagoa de Araruama: Etmografia e Linguagem*, de Cilene da Cunha Pereira, tese de doutorado defendida em 1988 na UFRJ.

Outra tese de doutorado defendida em 1987 na UFRJ versa sobre léxico: *O léxico do Gado na Poesia Pastoril do Brasil*, de Salatiel Ferreira Rodrigues.

É interessante os percentuais que Maria do Socorro Silva de Aragão, responsável pelo *Atlas Lingüístico da Paraíba*, apresenta no opúsculo *Bibliografia Dialectal Brasileira*, 1988, João Pessoa. Na Introdução, p. 07, apresenta os percentuais sobre o tipo de pesquisa dialetal é desenvolvida no Brasil.

– Fonética e Fonologia: 103 trabalhos = 20%;

– Lexicologia: 89 trabalhos = 17%;

- Gramática: 40 trabalhos = 8%;
- Dialectologia Urbana = 64 trabalhos = 12.

Além do trabalho de Aragão, Carlota Ferreira e Suzana Cardoso apresentam, em *A Dialectologia no Brasil*, um Estudo que visa mostrar o desenvolvimento da dialectologia no Brasil bem como uma metodologia de trabalho dialetal, um modelo de inquérito lingüístico e alguns modelos de atlas lingüísticos e alguns regionalismos referentes ao léxico. Esta obra serviu de base para esta apresentação.

Este trabalho sobre Geografia Lingüística está incompleto devido a exigüidade de tempo e outros fatores, especialmente a imensidão de nosso território, para que pudéssemos coletar o que há de mais recente neste campo. Ficamos sabendo, por informação oral, que foram delimitadas cinco regiões para o desenvolvimento dos trabalhos dialectológicos, visando a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil. Esperamos, dentre alguns meses, completar este trabalho usando os recursos da “internet” e da comunicação com os colegas conhecidos para se fazer um levantamento completo do que se está produzindo no Brasil no campo da Geografia Lingüística e da Dialectologia. E terminando esta arenga, gostaria de citar Silva Neto quando diz que urge que se elaborem mapas lingüísticos das regiões do País, que se repita o mesmo clamor de Meillet: “*Faites de l’Atlas*”.

Façamos, pois, nossos atlas lingüísticos para melhor conhecer nosso povo, nossa “Última flor do Lácio”, logo nosso Pátria, parodiando Pessoa e Lobato: Minha Língua, minha Pátria...